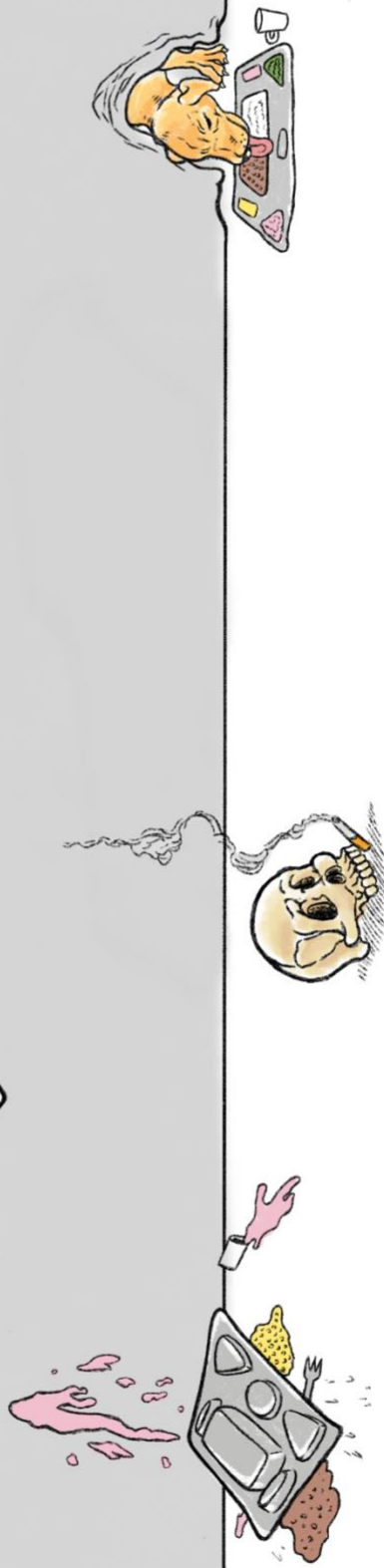


# DISCURSOS SEN METOO!





# Conteúdo

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| Editorial .....                                                              | 4  |
| Aventuras de um pobre na cidade grande: A história por trás da Capa.....     | 5  |
| Legendas da Capa! .....                                                      | 7  |
| Elas me ensinaram a falar .....                                              | 14 |
| Especial: Ilustrações de Maurício Goulart.....                               | 18 |
| Meu passado mudo/ Estômago .....                                             | 19 |
| Memórias .....                                                               | 20 |
| Esboço para uma teoria das emoções futebolísticas .....                      | 21 |
| Manifesto dos ventos uivantes .....                                          | 23 |
| Isso, que não queremos perder quando nos despedimos com dor, não acaba ..... | 25 |
| O trem e a infância .....                                                    | 26 |
| Bula Filosófica .....                                                        | 28 |
| Rádio em missão REM: Textos I & II .....                                     | 31 |
| Natureza/ Performance Finalizada .....                                       | 36 |
| E o Verde .....                                                              | 38 |

**Edição e diagramação:**

**Vitor Damilano**

**Maria Vitória Teles (Mavi)**

**Capa:**

**Ian Gonçalves & Mavi**

## **Em defesa do Espaço Verde: Uma breve apologia ao território simbólico do Prédio do Meio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP**

A presente edição do *Discurso Sem Método* se estrutura em torno de três eixos fundamentais: (1) a perda material e simbólica do Espaço Verde da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; (2) a publicação de textos autorais dos ingressantes de 2025 do curso de filosofia; (3) a produção de estudantes e colaboradores que integram, de forma direta ou indireta, o curso de filosofia.

Nós, integrantes do *Discurso Sem Método*, como coletivo independente voltado à circulação de ideias, saberes e produções culturais, afirmamos, de maneira inequívoca, nosso posicionamento em defesa do espaço público, compreendido não apenas como um dado físico, mas como território simbólico, político e afetivo. Lembro de Paola Berenstein Jacques, fazendo uso de um excerto da obra *Estética da Ginga: A arquitetura das favelas por meio da obra de Hélio Oiticica*: “O espaço é um bem coletivo, um lugar de encontros e de conflitos, onde se materializam as relações sociais, culturais e históricas”. O Espaço Verde, ao longo das últimas décadas, constituiu-se como um lugar de convivência, de respiro, de assembleias, de manifestações e de ritos cotidianos que atravessam a vida universitária. Assim, o projeto de ampliação do prédio do meio, ao suprimir esse espaço, não opera apenas uma transformação material, mas realiza um apagamento simbólico: apaga histórias, memórias e formas de estar junto que só podem se constituir no aberto, no comum, no espaço não capturado pela lógica da funcionalidade administrativa.

O espaço é um produto social, e sua apropriação nunca é neutra; é sempre expressão de disputas. Portanto, cabe-nos reafirmar nosso posicionamento diante da ampliação do prédio do meio: trata-se da recusa a aceitar que os processos decisórios sejam conduzidos sem diálogo real com aqueles que cotidianamente habitam e dão sentido ao Espaço Verde. Defendemos que outra construção é possível. O projeto poderia ter sido elaborado de forma a atender simultaneamente às demandas administrativas e à preservação desse lugar de encontro, de resistência e de cuidado coletivo.

Por isso, lançamos uma convocatória extraordinária para a próxima edição do *Discurso Sem Método*, intitulada “Em defesa do Espaço Verde”. Abriremos, de forma excepcional, submissões abertas a todos os públicos (estudantes, docentes, trabalhadores da universidade e de fora dela) que desejem refletir, criar, denunciar, imaginar e reelaborar, a partir da perda dos espaços simbólicos e dos territórios de resistência, como é o caso do Espaço Verde. Mantendo o espírito que sempre guiou este jornal, as contribuições podem assumir caráter livre e autoral (textos, poemas, ensaios, imagens, narrativas ou qualquer outra forma de expressão). Convidamos a todos que se reconhecem na defesa do comum, do público e do sensível a somarem nessa construção.

Vitor Damilano,

# Aventuras de um pobre na cidade grande

*Mateus Magarian*

## **Aventuras de um pobre na cidade grande**

Comissão gratuita (malditos)

### **A história por trás da capa**

Aproximadamente duas semanas depois de muito em cima da hora (ou um mês e tanto além do prazo), me rendo as demandas de escrever um desses para a revista. Os requerentes, nominalmente citados e amaldiçoados: Ian e Mavi.

Pós ressurreição bem sucedida da revista, que não foi sem muita dor de cabeça e extenso tempo, majoritariamente por incompetência dos todos nós; estávamos os três no Caf, a noite, com as revistas impressas, curtindo a vitória (e Ian e Mavi fazendo propagandas escandalosas em favor do Twin Cafs).

Começa então a gênese da atual capa. Mavi inicia seu vigoroso processo de lobby informando Ian que ele vai ter que fazer uma arte de capa. Como todo bom artista - Safado - Ian diz que com certeza, enquanto dança e desconversa para escapar do compromisso. Depois de tão longos meses (sim essa porra aconteceu em novembro ou dezembro, mas como todo bom escritor - Vagabundo - eu só parei pra escrever no dia de editar a revista) ninguém sabe quem originou a ideia da santa ceia. Mas para o azar do Ian, e alegria de todo o resto do Globo inteirinho, eu mergulhei como um machado na lagoa, e não deixei a gente sair dessa ideia.

O plano de fundo: A santa ceia com filósofos. Quais? Essa é a questão difícil. Tem que ser conhecidos o bastante e engraçado o bastante para ser representado. Não me contento apenas, porém, com eles estarem lá, é pra ser tipo a santa ceia. Pegamos a imagem do quadro e iniciamos os trabalhos. Primeira dúvida: Quem será Jesus? Ian com a resposta salvadora (e muito certa) Jesus. Naturalmente, se nosso mano JC tivesse que conviver com aquele povo, ele certamente não estaria contente. Eu quero um filósofo asiático. Quem poderia ser conhecido o bastante? Confúcio. Como representar o Confúcio? Ninguém sabe, quem caralhos é Confúcio mano? Eis que o quadro entrega a resposta: tem algum tonto na santa ceia com cara de perdido. Eu sei que é uma péssima piada, mas eu queria muito alguém de fora da Europa, então pula no bonde e aproveita a viagem.

Outra exigência: Eu quero o God Schopa nessa capa. Não existe resistência, meu entusiasmo com God Schopa é cativante em um raio de aproximadamente 80 centímetros. Ian escolhe a vítima. Qual o maldito mais infeliz disponível? Bingo!

Todos estamos, na situação, no terceiro semestre de João Vergílio. Naturalmente o Wittgenstein é uma presença forte. Aumentada exponencialmente pela icônica camiseta de

retrato do Wittgenstein negativo que o JV (João Vergílio) usa na aula. Exponenciada a n-ésima potência pela foto descoberta do JV fazendo cosplay da citada foto do Witt. A decisão natural decorre: Witt negativo, com camiseta de JV, fazendo cosplay de Witt negativo (se tivesse mais espaço, ia ser o JV negativo com a camiseta do Witt negativo, na camiseta do Witt negativo) quem entendeu, entendeu.

A partir daí, tudo foi baseado nas imagens da ceia. Um tonto gritando com a mão pra cima? Temos nosso Sócrates. Alguém aparentemente apaixonado por Jesus? Essa é uma disputa difícil. Após longa discussão, de fora da cúpula, vem um sinal do próprio filho de Deus: Spinoza é a resposta (agradecimento especial ao Damilano Cristo). Do lado oposto, alguém bravo encara Jesus. Eu não acho que ele está encarando Jesus, mas se o Ian viu, a gente aceita. Quem mais puto com Little Jesus do que o Grande Bigode Alemão (não confundir com o pequeno bigode alemão, por favor [até porque ele era austríaco]).

Duas figuras se deitam uma sobre a outra. Uma delas, Thiago, que tanto eu quanto Ian, em nossa fervorosa e Cristã criação, achávamos que era Maria Madalena. Ian se lembra de uma reunião sobre mônadas que a gente assistiu aleatoriamente uma noite. Leibniz perseguiu Locke, que o ignorava. Ninguém sabe a cara de Leibniz. Quando procuramos, ficamos surpresos com a sua incrível androgenia. Temos nossa Maria Madalena, se declarando ao desesperado Locke. Sobrando à direita, três homens que discutem. O da ponta se defende das investidas. Uma muito furiosa, a outra só um pouco insatisfeita. Ora, não temos nada menos que Hegel sendo atacado por Marx e Heidegger. É fácil decidir qual está puto e qual só bravinho. Mas muita discussão se segue na representação de Heidegger. Ao fim, sou eu o vitorioso. Passar pano pra nazista, aqui não. Ian posteriormente, fez o rascunho das representações e temos que admitir, o muleque é gênio. Sobra então apenas um. Bem na frente. Irritado. E meio nada a ver com nada. Aceitamos a falta de boas opções. Aceitamos a verdade. Aceitamos Diógenes. Porque... eu gosto do Diógenes (o cachorro).

Está feita a santa ceia. Eu me dou por satisfeito. O processo dura horas de boas gargalhadas. Mas os dois não se dão por contentes. Eles ainda estão na batalha. A despeito de todo respeito, eles adicionam mais uma figura a essa grande obra. Mavi e Ian, em conluio, acrescentam uma pequena caveira. Com um cigarro. Todos sabemos quem é. O que vocês não sabem, é que quando adicionaram essa grande figura, jamais esquecida na filosofia brasileira, eles estavam pensando em Maria das Graças.

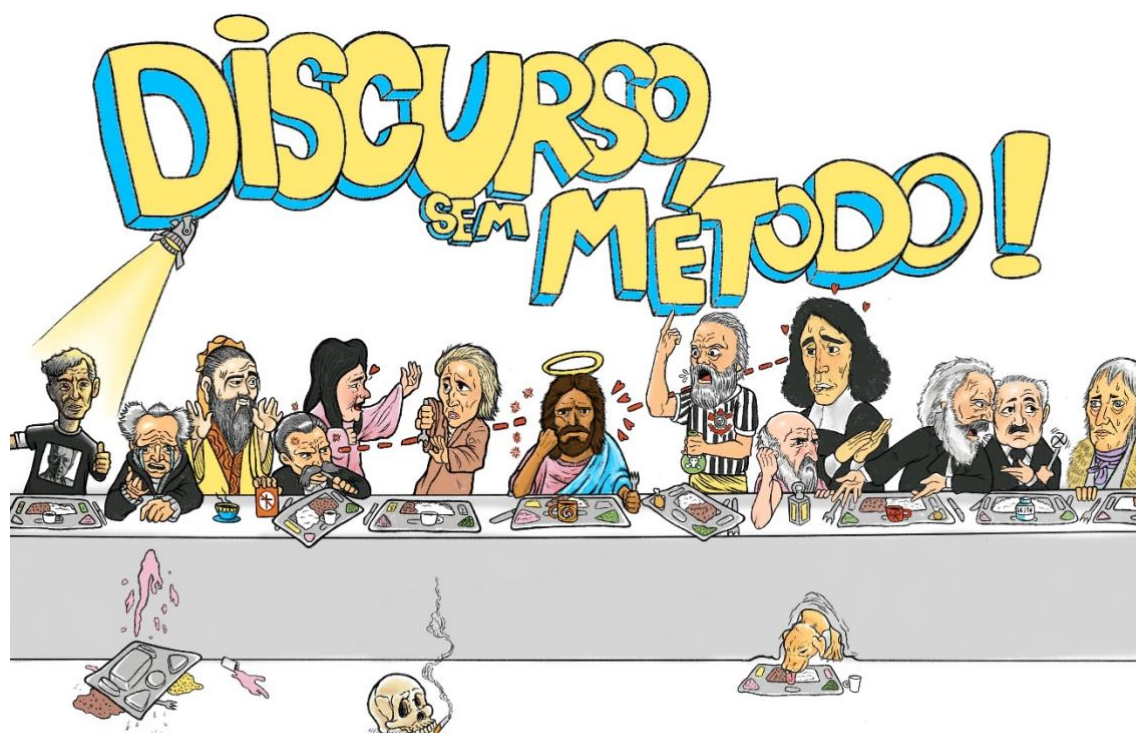
Os dois, porém, não bancaram, e por isso na seguinte legenda, vocês lerão, Olavo de Carvalho.

# Legendas da Capa!

Entenda todas as referências!

*Ian Gonçalves*

Hey! Gostou da capa? Então aqui vai uma descrição da capa e das piadas (Porque aqui nós somos chatos e explicamos a piada). Mas brincadeiras à parte, esse foi um jogo divertido que nós, aqui do Discurso sem Método™ pensamos que você, caro leitor, iria gostar, por isso, tente procurar e se divirta! (Lembrando que todas afirmações aqui são de tom jocoso, por isso não leve muito a sério os erros, eles fazem parte da piada)



@ian.santana + @maravilhosa\_

Começando, então, da análise do quadro como um todo. A piada aqui é “Como seria a Santa Ceia, como representada por Da Vinci, só que com os filósofos ao invés dos apóstolos? ”, só não qualquer ceia, mas sim uma maravilhosa Ceia do Bandeco®! Com isso, cada pensador foi escolhido cuidadosamente pelo efeito da piada (E Jesus claramente não ficou muito feliz com a ideia).

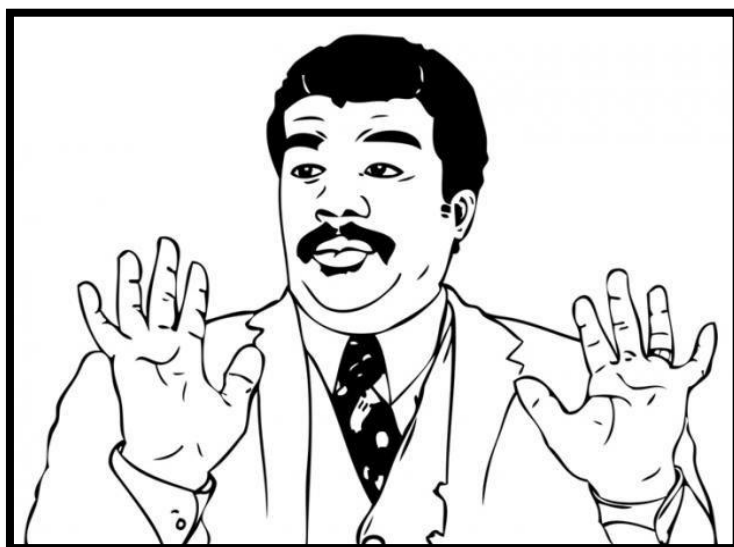
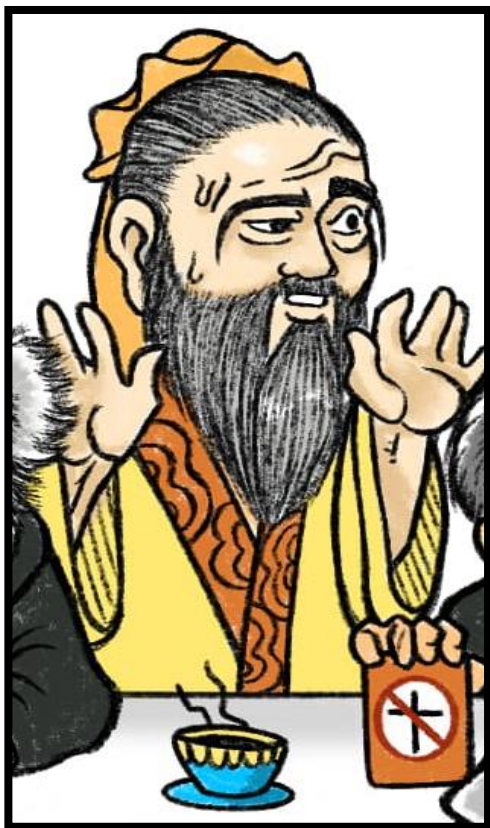
Agora, da esquerda para a direita, nós temos o pensador da teoria lógica do século XX, o austríaco Ludwig Wittgenstein. Então, esse pensador foi colocado aqui com um único objetivo: de fazer graça (De maneira espirituosa e respeitosa, claro) com o professor da matéria de Lógica do departamento, João Virgílio, da qual nós somos muito fãs. A piada é

que o professor é tão fã do pensador que teria mandado fazer uma camisa com o rosto dele, camisa essa que ele usaria em suas aulas de lógica. Agora imagine nossa surpresa, ao olhar as fotos do departamento de filosofia, e descobrir que não somente ele tinha feito a camisa de Wittgenstein, mas que ele teria tirado a foto de perfil igual a foto do autor. A piada se escreve sozinha!

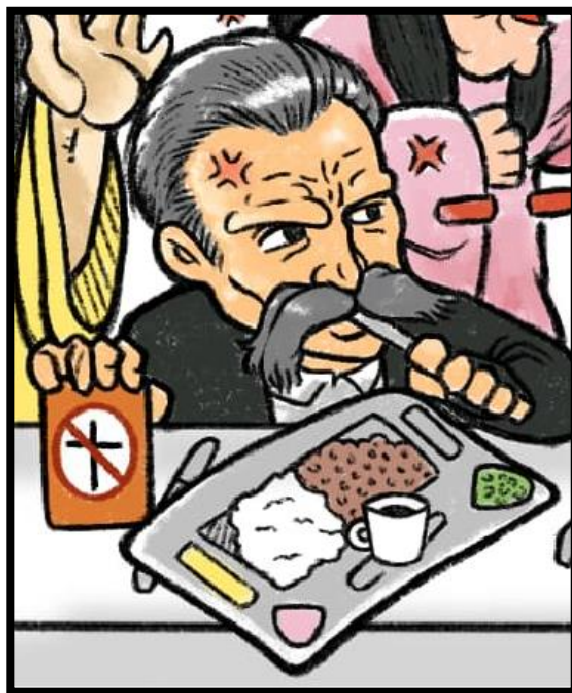


Na sequência, temos o ilustre (E claramente chateado) Arthur Schopenhauer, pensador alemão do século XIX. Como ele é o cara do “A vida é dor e sofrimento” (O nosso rigor acadêmico é a verdadeira piada) pareceu fazer sentido que ele é aquele cara que derruba a comida, e agora chora sobre o feijão derramado. Afinal todo mundo sabe que nesta terra árida, cruel e formadora de caráter conhecida como Bandeco® não tem repetição, ou seja, como já diria Isaac Newton, na sua famosa Teoria da Gravitação dos Corpos: “O mundo gira e vacilão roda! ”.

Na sequência temos Confúcio... eu vou ser sincero e dizer que eu não lembro porquê ele tá aqui....eu juro que na hora pareceu uma boa ideia....mas enfim, ele claramente não quer participar da briga (Ou paquera, como veremos mais pra frente) dos filósofos ocidentais, então nós fizemos ele...bem...confuso (O humor não fica melhor daqui pra frente) e aproveitamos pra colocar ele que nem o Neil De Grass, porque é engraçado (Eu falei que o humor não ia melhorar).



Depois temos o bigodudo favorito, ou mais detestado (Não esse!), de todo mundo: Friedrich Nietzsche! E como já se mostrou evidente que rigor acadêmico é o principal foco da equipe aqui do Discurso sem Método™, nós colocamos ele como hater de Jesus, porque a única coisa que achemos sabemos dele é que ele é ateu. Logo “Haha ele odeia o JC kkk” parecia a única coisa sensata a se fazer.



Na sequência temos não um, mas DOIS pensadores, compondo uma pequena cena. Os pensadores John Locke e G.W. Leibniz, dois importantes pensadores do século XVII. Agora, a fofoca diz que Leibniz, ao ler os “Ensaio sobre o entendimento Humano” de Locke, teria ficado tão...impressionado? Insultado? Excitado? Sei lá, ele foi lá e escreveu o próprio livro chamado “Novos ensaios sobre o entendimento Humano” (Como podemos ver,

Leibniz era um poço de criatividade) aonde ele contraria basicamente tudo o que Locke diz. Porém, não satisfeito em escrever um livro contradizendo o cara, ele ainda tentou debater diretamente com o homem, mandando várias cartas mostrando suas ideias e chamando ele para um debate presencial, todas elas sendo prontamente ignoradas por Locke, que claramente tinha mais o que fazer da vida. Bem, aqui no Discurso sem Método™ nós reconhecemos uma diva necessitada quando vemos uma, por isso ficou muito claro que Leibniz queria e não sabia pedir.



Pois bem, acho que a gente pode pular o JC né? Não precisa de introdução e ele claramente não tá gostando da ideia toda. Embora seja importante ressaltar que, como nós do Discurso sem Método™ temos o humor do mais alto refino, nós não resistimos e colocamos seu sagrado Graal, como o sagrado Graal® das redes de conveniência Graal® (Eu falei que o humor não melhorava)



Então na sequência nós temos ele, o grande, o gigante, o bom de bola (٧٥٧), Sócrates! Agora, claro, se você é do curso de filosofia você provavelmente sabe dessa majestosa intersecção entre a filosofia e o futebol, sendo esse outro caso de “A piada se escreve sozinha”. Mas você sabia que ele morreu de chato? Exatamente, ele era tão chato,

mas TÃO chato, que a cidade de Atenas o condenou ao suicídio por veneno, porquê todo mundo odiava ele tanto que ninguém queria mata-lo, pois claramente seria pego em um dos seus infinitos monólogos. Logo como ele era a única pessoa que aguentava a si mesmo, ele foi condenado à Cicuta (Hoje conhecido por seu nome mais moderno “Cantinho do Vale”, um veneno mortal e aterrador, sem dúvida). Como vemos aqui, essa bucha caiu no colo do JC.



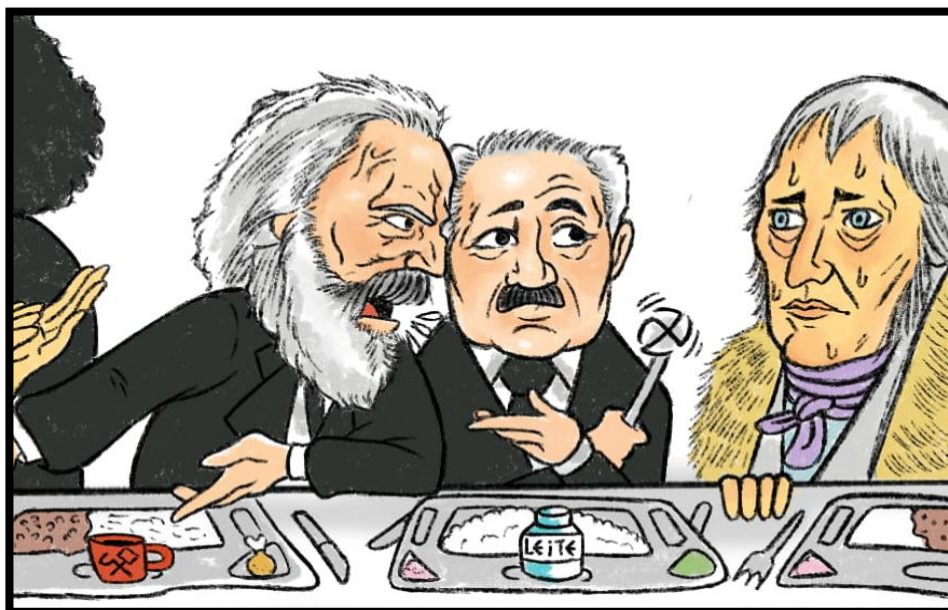
A seguir, temos ele, outra lenda grega, aqui claramente entediado e desinteressado, como o *Chad* que ele é (Hello fellow kids), Diógenes, com seu fiel cachorro, Cão! Meio que não tem muito o que falar dessa lenda: ele ta aqui, odiando tudo e todos como sempre, provavelmente querendo voltar pro seu barril e pros seus ossos. O cachorro pelo menos parece ta curtindo.





Na sequência temos um dos pensadores mais influentes e importantes do século XVII, Baruch Espinosa. Agora, existe uma especulação que Espinosa poderia ser gay, por conta de uma amizade aparentemente muito próxima com Simon de Vries (Ele não é importante, foca no outro gay). É importante pontuar que Espinosa era absolutamente odiado por basicamente todo mundo do seu tempo, e isso provavelmente explica porque tentaram difamar a sua imagem com a ideia de homossexualidade que era pecado na época? Não. Então a gente colocou ele paquerando MUITO o JC. Seria importante ressaltar que ele era judeu, logo ele não via em Jesus a figura do salvador, mas sim apenas outro profeta genérico, e, portanto, não faria sentido a paquera? Também não. Rigor acadêmico senhoras e senhores!

Agora vem um combo bom! Nós temos aqui três pensadores polêmicos, caros leitores, que conversaram, e discordaram, por décadas! Na sequência nós temos Karl Marx, Martin Heidegger e Friedrich Hegel, três dos principais pensadores da dialética, claramente tendo um debate muito racional e organizado. As piadas são sutis, como Marx com sua



caneca do proletariado, ou Heidegger com seu cata-vento...ou sua garrafa de leite...ou o fato de que ele não pegou feijão... (Olha, é muito fácil fazer piada com nazista ta bom?), e por último temos Hegel, que claramente não estava preparado para essa conversa, ou que ele ia ouvir um bocadinho desse jeito.

E por último, mas não menos importante, nós temos ele, que infelizmente teve uma recaída e voltou a fumar, um horrível vício que consome todos nós. Ele, Olavo, senhoras e senhores!



E é isso, eu gostaria de agradecer os meus colegas e principalmente a minha grande amiga, inspiração e co-artista dessa obra (Que tem muita paciência com meus constantes atrasos e o caos generalizado que é trabalhar comigo) Mavi, bem como o co-autor desse caos, e igualmente amigo (Apesar das constantes trocas de farpas, mas sempre com muito bom humor) Mateus.

**Nota da editora (Mavi):** Ambos os autores dos textos envolvidos nessa palhaçada escreveram seus respectivos textos na mesma tarde sem se falar e até a publicação desta edição eles não leram o texto um do outro.

\*\*\*\*\*

# Elas me ensinaram a falar

Alexandre Xiab@Nunes

## Elas me ensinaram a falar

Não podia conjugar

O verbo educar.

E sem dela me recordar

A primeira mulher que me ensinou a caminhar.

Poderia ser a mãe do conto “*Úrsula*”, que peço com licença à Maria Firmina, para recitar ...

Meu filho, acho bom que não te vás. Que te adianta trocares um cativo por outro! E sabes tu se aí o encontrarás melhor? Olha, chamar-te-ão, talvez, ingrato, e eu não terei uma palavra para defender-te. (REIS, 1859, p. 86).



O “*cuidado de si*” de uma mãe é o amar

Mesmo que muitas vezes for preciso se machucar

Seu lema é não parar!

Assim se for por um filho precisar ...

... lutar, assim, como Carolina Maria de Jesus irá nos ensinar ...

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal

nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (JESUS, 1960, p. 173).



Mulheres guerreiras que nos ensinam a batalhar

Transgredir e transformar

Jamais uma luta abandonar

Para essa história comentar,

Logo, Lélia Gonzalez devo invocar:

A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência

de sua negritude está na luta contra o racismo. As outras são mulatas, marrons, pardos etc.” (GONZALEZ, 2018, p. 373).



E mesmo observando às vezes o inimigo ganhar

Não vou arregar!

Eles jamais vão nos ver sangrar.

Viver, resistir e respirar

Conceição já avisou ...

*“Eles combinaram de nos matar (...) mas a gente combinamos de não morrer”.*  
(EVARISTO, 2014, p. 107).



E nós, por muitas outras vezes, vamos revidar!

Cuidando dos nossos, como a Mãe do Mar

Na busca de se emancipar

Para todo esse coletivo se libertar!

Todavia, no domínio da resistência existe a possibilidade de uma ética renovada que se insurge aos modos de subjetivação e à moral social que lhes corresponderiam. No cerne desta ética renovada encontra-se o “cuidado de si”, termo que empresto de Foucault, mas com outro sentido, pois diz respeito à possibilidade da construção de sujeitos coletivos libertos dos processos de subjugação e subalternização. Na minha acepção — formulada a partir dos relatos de Edson Cardoso, Sônia Maria Pereira do Nascimento e Fátima Oliveira — o cuidado de si se realiza no cuidado do outro, na busca coletiva por emancipação. (CARNEIRO, 2023, pg. 337 - 338).



Agradeço à Sueli Carneiro por revolucionar!

Chamando Edson Cardoso, Sônia Maria Pereira do Nascimento e Fátima Oliveira para suas histórias compartilhar ...

Maria Firmino dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez e Evaristo Conceição, para sempre vamos nos lembrar!

Maria Celia de Jesus Nunes ... minha eterna rainha ... minha mãe ... para sempre ei-de-te reverenciar ...

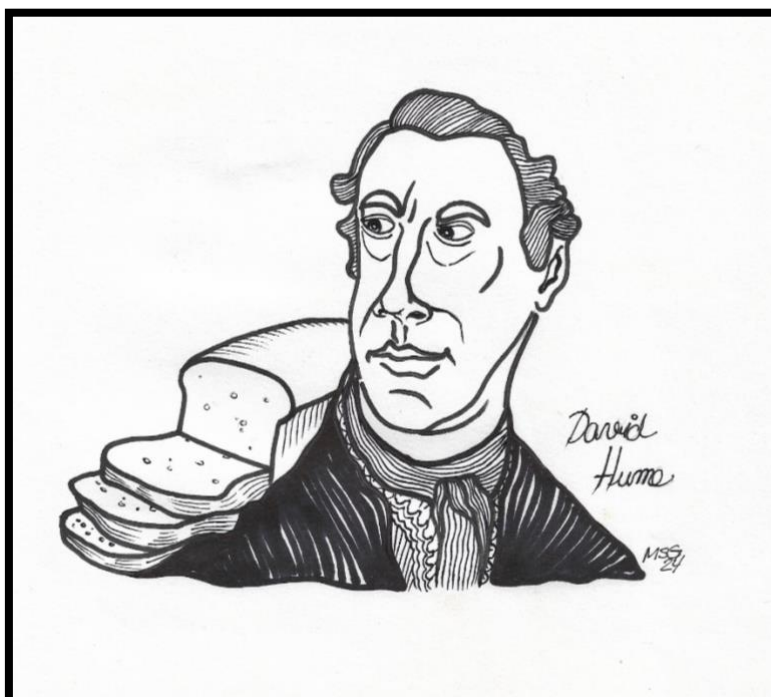


## ESPECIAL: Ilustrações de Maurício Goulart

@arsimaginaria

Caros Amigos, meu nome é Mauricio Goulart, estudo filosofia, 4o semestre, sou formado em desenho industrial (atualmente designado como Design de Produto) e também tenho prática na área de artes plásticas, ilustração e caricatura. Envio alguns trabalhos com o intuito de colaborar com a próxima edição do Discurso Sem Método. Caso tenham interesse de ver outras criações, o meu Instagram é @arsimaginaria.

Obrigado e sucesso com a nova edição!



# Poemas: Meu pássaro mudo & Estômago

*Teodoro Oliveira*

## **Meu Pássaro Mudo**

Meu sentimento é maior que minha palavra,  
Por isso meu silêncio existe.  
O que tenho em mim são metáforas:  
Um pássaro mudo.  
O que não consigo dizer  
Dilui-se em tudo o mais que há em mim.  
Nada cala. Tudo é gesto.

\*

## **Estômago**

Te amar me dói no estômago  
Uma fome, uma falta  
Uma vontade de te comer  
Os olhos, a boca, as curvas  
Um desejo de te morder a alma

# Memórias

*Lorena Verza*

**“Memórias” 2023 (óleo sobre tela)**



# Esboço para uma teoria das emoções futebolísticas

*Marcos Carvalho*

## **Esboço para uma teoria das emoções futebolísticas**

Religiosamente, às segundas-feiras pós-jogo, um coro em choramingos se ergue ao redor. É sempre admirável o digladio de senhores e rapazolas - menosprezando toda a lógica dos costumes sociais - erizados com suas inflexíveis perspectivas, sempre defendendo com unhas e dentes, seu estimado e mais que amado, time do coração.

Historicamente, (sim, pois esse embate sentimental remonta há milhares de anos) falar de futebol é arriscar palpites inesperados e agregar amigos (ou inimigos), esperados. Seja como for, semelhanças à parte, tanto no oriente como no ocidente, há cerca de uns três mil anos atrás, antes mesmo que o nosso Senhor Jesus Cristo, já se jogava o futebol.

Obviamente, não como o conhecemos hoje. Esse modelo que aí está não passa de um noviço, nasceu no século XIX, no berço da rainha Vitória.

O traço que permaneceu, atravessando o tempo e se consolidando nas vidas cotidianas, foi a discórdia. Pouco importa o continente, país, estado, cidade, bairro ou até mesmo a pequena rua Quarahim. Procure, superficialmente que o seja, então encontrarás torcedores a discutir calorosamente sobre as glórias e infortúnios de algum estimado ou detestado time.

Com os afetos aflorados, ódio e amor se entrelaçam no aperto do coração. E por falar em coração, o intento esportivo é tão grande que, mesmo sem jogar, sendo nada mais que um exímio torcedor, se sofre todas as dores tais e quais a dos próprios jogadores, pior até. E que não se perca de vista casos e mais casos de infarto agudo do miocárdio. Pobre coração! E há quem diga bons bocados de torcedores são exímios masoquistas, habituados ao sofrer (e ainda gostar disso).

O jogo em si, é superestimado, o rigor da investigação acerca do jogo ocorrido está no amanhã, na famigerada segunda-feira (ou na quinta-feira, quando há jogo na véspera).

Analistas futebolísticos, rigorosíssimos e, também (por quê, não?) apaixonadíssimos, discorrem suas teorias embasadas em suas pesquisas de “campo” a respeito de como tal

time agiu ou como deveria agir.

Ora, nunca se viu tamanha retidão com que se decide (utopicamente) o destino de um time ou de um jogador. Assim o é o conselho deliberativo pós-jogo. Não obstante, há de se valorizar toda afeição dispensada em prol do que se ama. Embora coerente, a paixão pelo futebol é um espólio que se recebe dos mais velhos, ou se aprende com os convivas. Futebol remete a Kant, pode-se até não gostar e não concordar, mas é impossível não acolhê-lo, nem que o seja para achincalhá-lo, mas deve ser levado em conta.

Todavia, embora causa de rachaduras intermináveis nas bases “sólidas” do tecido social, é preciso suspender certos juízos a cada quadriênio. Em uniforme estrutura, se unem então gregos e troianos. Abandonando suas armas, se consolidam num único aqueu e, novamente, com unhas e dentes, num espírito unido fortíssimo, torcem de todo o coração, pelo time dos times, sua pátria amada.

# Manifesto dos ventos uivantes

Ryan G.

## Manifesto dos ventos uivantes

*Nota do autor:*

*Este poema é uma tentativa de expressar, com franqueza, um estado emocional de exaustão e isolamento — uma experiência que, embora sombria, é humana e compartilhável. Não é um pedido de socorro, mas um reflexo lírico de dias difíceis, onde a linguagem tenta dar forma ao que normalmente sufoca em silêncio.*

O sol invadiu a janela com a força de uma bala.

Ela se partiu em mil pedaços.

Os azulejos, antes brancos, agora estão amarelos, suando.

A parede, ofegante.

O chão, em chamas.

O calor está insuportável.

Minhas mãos já não têm força para erguer um copo ou uma faca.

Repousam, uma sobre a outra,

Enquanto eu danço apenas na minha mente.

Sinto que só voltarei a viver

Quando vestir minha armadura de madeira:

Um cadáver dentro de outro.

Mas as árvores nunca terão um velório digno.

Há um som abafado que me incomoda.

Talvez, se fosse mais alto, eu o entenderia.

Ou, se fosse mais baixo, não me tiraria o foco.

Mas não importa.

Eu não terminaria isso a tempo, de qualquer forma.

Eu deveria ter começado antes,

Mas o fim sempre me atraiu mais.

Anoiteceu, numa sexta-feira.

Finalmente, os ruídos pararam.

Eu deveria plantar algumas sementes,

Ou enterrar caixões vazios na floresta.

Não importa,

Eu posso me mover de novo.

Posso matar a sede,  
Me envenenar,  
Traçar belas linhas vermelhas sobre minha  
pele.

O frio noturno é deprimente, solitário,  
silencioso.

Por isso me sinto tão à vontade nele.

Ao ser atingido pela geada, pela  
Penumbra,  
Sinto-me abraçado  
Por algo que me entende.

Assim como eu:  
Melancólico, triste, Sozinho.  
Eu sei que o sol voltará a raiar.  
Sei que, em breve, voltarei ao meu lugar.  
De observador, imóvel, invisível,  
Alheio aos riscos, conversas e contatos

Lembrando-me, saudosamente, do frio  
Quando o único vestígio de calor que sentia  
Era o do álcool  
Escorrendo em chamas pela minha garganta,  
ou o cigarro,  
Queimado de maneira atroz  
Em meus lábios.

# Isso, que não queremos perder quando nos despedimos com dor, não acaba.

*Ricardo S. R. Alves*

## **Isso, que não queremos perder quando nos despedimos com dor, não acaba.**

Eu te quero,

mesmo que minha memória se esqueça, pois isso tudo não depende só de mim.

Há Deus; que ajuda.

Ele lembra de tudo, lembra de tudo que você é, guarda tudo isso.

Tanto eu já rezei, sacrifiquei, criei, e, mesmo assim, parece pouco.

Parece pouco, pois isso me transpassa e encobre ativamente.

Eu enquanto carne incompleta, isso enquanto infinitude.

É preciso deixar-se abrir, deixar-se abraçar.

Mesmo que haja o medo de perder isso, é só o medo de perder o controle sobre isso.

Mas isso, isso mesmo, não acabará.

Deus garante que há e sempre haverá isso.

Ele é infinito, afinal, e isso que agora sinto também é:

são uma amizade.

Te amo.

O verde, o cheiro, o azul, a tela do celular, os papéis, cadernos, a falta de ar, os lugares, os olhos, a voz, a vodka com morango, a água, a carne, a raiz do cabelo, a alça da blusa, o cabelo preso, o braço sobre a mesa, os ouvidos, o tímido sorriso, a distância, a dor no joelho, o beijo, o amargo, o suor.

Você é tão linda.

Você parece um sonho de alguém bonito, um sonho bonito.

Vivi e estou vivendo nisso.

Agora posso me divertir na madrugada até o Sol nascer e acordar junto a alguém.

# O trem e a infância

*Fernando Costa*

## O trem e a infância

Saudade. Como geralmente ocorre com as palavras, essa é mais uma impossível de definir com a precisão que exprima sentidos completos ou estanques. Há nela a junção de lembranças e reminiscências deixadas em alguma gaveta da vida e que às vezes se abre sem que tenhamos percebido. De repente, já estamos tomados por um tempo que não é mais o presente.

A saudade não é simplesmente lembrar dos fatos, é como se essa recordação viesse acompanhada das sensações experimentadas ou pelo menos a breve impressão de que elas se transformaram ou se perderam. Por exemplo, sempre que passo por uma linha de trem, dessas que ainda existem pelas cidades brasileiras, inevitavelmente sinto o gosto da infância. Quando criança eu costumava visitar parentes no interior de São Paulo e minha tia morava numa casa próxima da linha férrea. Era sempre uma emoção gigantesca ouvir aquela buzina estridente anunciando a chegada do trem, misto de empolgação com espanto e curiosidade.

Nessa fase da vida havia um gosto inesgotável por inventar coisas, não importava que fossem no mundo real ou por meio da imaginação. A graça era o projeto, o plano, o sonho. Chuveiros quebrados eram cabeças de robôs, caixas de papelão esconderijos, palitos de dente eram barcos e aviões. Certa vez, jornais velhos viraram cédulas novinhas de dinheiro. Pois é, a graça estava realmente no projeto. Mas o trem, aquilo sim era fantasia que tinha dado certo. Espécie de brinquedo gigante, brinquedo vivo e mil vezes maior do que qualquer criança. Obra de muito sonho humano!

A buzina desafinada do trem apitava e o coração já disparava junto, era impossível ficar parado sabendo que ele estava desfilando lá fora. Logo vinha a surpresa, como seria a composição dos vagões? Pois isso era parte fundamental do prazer estético, tendo em vista que cada compartimento tinha um produto, uma carga, uma função e tamanho

singular que dava charme especial para o desfile de lata. Alguns carregavam carvão, café, pedregulhos ou mesmo animais. Era possível identificar os cheiros de cada vagão que se misturavam com aqueles sons do trilho e a visão colossal das enormes locomotivas. Sempre torcia para que o maquinista não acelerasse, assim seria possível observar a formação e comparar com as próximas exhibições que viriam posteriormente ao longo do dia.

Muitas vezes a corrida da casa para a rua supria o tempo que sobraria para admirar o trem, mas nem sempre havia essa possibilidade. Quando a viagem era noturna, não dava

para sair da cama e seguir em disparada para a rua. Ficava então imaginando o maquinista que passeava pela madrugada. Quantas cidades já havia percorrido? De onde vinha e para onde iria? Do que sentia saudades?

Hoje tenho recordações distantes não só daquele emaranhado de aço, mas do que sentia por tudo isso. O que sobrou dessa curiosidade é o que me motiva a visitar os museus de trem sempre que estou em alguma cidade, também existe a vontade alegre de observar linhas que cruzam ruas, terminais antigos ou estações abandonadas. Símbolos da tecnologia passada e que hoje estão largados em meio aos escombros e ruínas. Lugares que já estiveram cheios de filhos esperando pais ou de avós aguardando a família ou marcaram o encontro de namorados apaixonados que finalmente chegavam na mesma cidade. Lugar de tantas conversas, desencontros, reencontros, brigas, lágrimas, lamentos, despedidas e abraços. O que sei é que mesmo hoje quando ainda ouço o som do trem se aproximando, logo penso nesse espetáculo fugaz que todos estão perdendo ou apenas aguardando passar rapidamente para que continuem suas vidas como se nada tivesse acontecido. Mesmo assim, internamente ainda peço: “Seu maquinista, não acelere tanto pois quero ver melhor as composições. Lembre-se que ainda vai demorar algumas horas para o próximo desfile”.

# Bula Filosófica

*Anônimo*

## Bula Filosófica

Este texto se limita a uma descrição regional do curso de filosofia com base em minhas experiências pessoais e de estudo. Dito isso, vamos para as observações.

\*\*\*

Há muito se discute como o Departamento de Filosofia da USP não forma filósofos, mas sim, os chamados historiadores da filosofia. Essa posição se fundamenta no mito (chamo assim pois justificarei adiante) estruturalista do Departamento. Assim como Roma tem seu mito fundador, este Departamento também, e não deixa de ser mais fantasioso.

Não cabe neste curto texto fazer uma longa análise histórica deste departamento, observando seus meandros, mas sim apenas estabelecer uma base fixa na qual podemos construir nosso argumento. Portanto, colocarei apenas afirmações gerais.

Começando pela demarcação dos três períodos que compõem este departamento segundo consta no site do mesmo: o primeiro que corresponde de 1934 a 1957, o segundo de 1958 a 1968, e o terceiro de 1969 aos dias atuais. Retomemos brevemente cada um deles.

O primeiro se caracteriza pelas chamadas missões francesas, onde professores da França vinham lecionar no Brasil para fomentar um pensamento filosófico brasileiro. O segundo corresponde a uma caracterização dos trabalhos aqui desenvolvidos e o terceiro corresponde à ditadura militar, que aposentou professores e forçou o departamento a seguir um caminho que pontuarei a seguir.

Com o golpe militar de 64 e as profundas repressões de 68, o Departamento de Filosofia se viu obrigado a seguir uma análise estruturalista de texto, o que, aos olhos dos militares, seria incapaz de levar a algum caminho produtivo. Talvez esse, junto com Gilda de Mello e Souza, tenha sido um dos motivos de salvação deste departamento durante este período. Porém, de onde surgiu esse método que “salvou” o departamento? Ele era o único caminho possível? Havia outros métodos? São questões que tentarei responder neste breve texto, começando pela explicação do mito que citei no início.

Este mito nada mais é do que a visão de que existe uma espécie de demônio conceitual ou metódico que impede a graduação de filosofia de fazer filosofia e apenas fazer história da filosofia. Esse mito se baseia no argumento de que o departamento faz apenas “leitura estrutural”.

Contudo, nego esta afirmação. Explico: por mais que o Departamento, desde seu início, tenha sofrido muita influência francesa, já na segunda fase da sua história apresentava

modos de escrita e leitura diferentes, já com características próprias, que são possíveis de serem notadas ao ver as obras de Gilda de Mello e Souza, por exemplo.

O único professor que, de fato, podemos afirmar que defendia a leitura estrutural era Oswaldo Porchat, e é sobre um texto deste que gostaria de me debruçar ao seguir deste texto para defender a ideia de que este Departamento não é estruturalista e, se o for, já não é aos moldes “tradicionais”.

Gostaria de ressaltar que este Departamento, durante sua história, fora composto por diversas mentes brilhantes, e afirmar que a pluralidade de textos e ideias que dele advieram seriam “estruturalistas”, a meu ver, é uma redução imensa dos trabalhos.

\*\*\*

Fundamento meu raciocínio em um texto de Oswaldo Porchat, intitulado “Meu Ceticismo”, a última conferência dada pelo mesmo, e que, além de abordar o ceticismo de forma introdutória, tece comentários sobre seu discurso realizado em 1998 intitulado “Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia”.

Para tanto, me utilizarei aqui de uma leitura *talvez estruturalista*. Oswaldo Porchat, nesta sua última conferência, faz comentários sobre seu primeiro texto de 98, afirmando que lá defendera que os cursos de filosofia não deveriam ser focados unicamente nos cursos de história da filosofia, mas também nas áreas temáticas: estética, ética, filosofia da ciência, etc. Tal afirmação se espalhou entre os estudantes de filosofia pelo Brasil.

Porém, segundo o mesmo, isso fora entendido de maneira errônea, pois não quer dizer o abandono de grandes autores. Seu estudo é, segundo ele, imprescindível para um bom estudo da filosofia. Afinal, é tentando entender sua genialidade que aprendemos a pensar com profundidade.

Nestas grandes obras, também é importante conhecer seus fatores históricos e sociais, pois, segundo Porchat, muitas vezes contribuem profundamente para um bom entendimento das obras. Acrescentando a isso também possíveis relações que podemos fazer entre as outras obras de outros autores do mesmo tempo.

Um especialista, ao estudar uma obra durante a vida, acaba desenvolvendo uma interpretação sobre o autor, e nossos professores, sendo especialistas, também o fizeram. Portanto, quando nos dão aula, entramos em contato com esta interpretação, e não com a interpretação do próprio autor.

Mesmo que fosse possível falar com o autor da obra, não bastaria para compreendermos a obra, pois, muitas vezes, o intérprete é capaz de perceber muitas coisas que o próprio filósofo não havia percebido sobre sua própria obra antes, como conexões entre conceitos. Portanto, nas palavras do próprio Porchat, a interpretação da filosofia de um autor exige bem mais que a tentativa de reconstruir sua filosofia *ad mentem auctoris*.

O que Porchat entende por estruturalismo? Vejamos:

O método estruturalista de estudo das filosofias busca apreender o que podemos chamar de “lógica interna” da filosofia estudada. Segundo os estruturalistas, os argumentos e conclusões alcançadas por essa “lógica interna” não têm de coincidir com o que nossa lógica habitual estabelecerá. Isso porque a “lógica interna” decorreria de uma decisão do

autor. Buscaremos apreender a estrutura e as conexões internas dessa lógica, apreender como o autor a organizou. Vocês veem como o método estruturalista está associado a uma doutrina estruturalista sobre as filosofias e em que sentido o método estruturalista procura compreender uma doutrina ad mentem auctoris. O maior expoente dessa doutrina e desse método foi Martial Guérout.

(Pereira, O. P. (2016). Meu Ceticismo. *Discurso*, 46(2), 7-36.)

Nesta concepção, nos tornamos fiéis seguidores do autor que estudamos, defendendo sua filosofia. Quase como se cada concepção filosófica fosse uma mônada leibniziana:

Cada sistema concebe verdade e realidade à sua maneira, cada sistema instaure verdade e realidade conforme a decisão do autor. Os autores dos sistemas filosóficos se referem, por certo, aos outros sistemas, mas os rejeitam. Os sistemas se excomungam reciprocamente.

(Pereira, O. P. (2016). Meu Ceticismo. *Discurso*, 46(2), 7-36.)

Sendo assim, seguindo essa ideia, nós não temos como privilegiar um sistema em relação a outros. Nenhum critério para estabelecer verdades. Porchat percebeu isso e notou que uma visão mais aprofundada dessa leitura estrutural nos leva a ser céticos.

Sendo Porchat quem trouxe esse modo de leitura para o Departamento, ele mesmo reconhece em seu texto: a) que entendeu mal o estruturalismo; b) que a leitura estrutural não requeria uma leitura linha a linha. E Porchat, tendo ensinado muitos dos professores deste Departamento, ensinou-lhes este modo de leitura. Porém, se é um modo equivocados de leitura estrutural, esta leitura, por lógica, não é mais uma leitura estrutural, não aos moldes “tradicionais”, pelo menos.

\*\*\*

Baseado no que vimos aqui, nego a afirmação de que este Departamento seja estruturalista. Seja tanto porque em sua concepção havia diversas maneiras de se escrever e ler textos filosóficos, seja porque o chamado “estruturalismo” do Departamento jamais seguiu regras específicas do próprio estruturalismo. Porchat, ao afirmar que entendeu errado esse método e sendo o que o trouxe para cá, criou algo além deste estruturalismo à moda francesa.

Porém, ainda nos encontramos com um problema: como solucionar nosso enfoque na história da filosofia? Nosso isolamento da história e contexto social no entendimento do autor? Nossa falta de enfoque nas áreas temáticas?

Aqui pretendo ser um pouco mais propositivo, nada radical, mas proponho a criação de um grupo de estudos que estudará textos que falam tanto dessa “leitura estrutural” no Departamento quanto estudar o Departamento em si, composto por professores, alunos da graduação e já formados.

Somente assim vejo que seja possível dissipar todas as névoas que embaçam nossa visão, criando mitos e fundamentando-se em falsas ideias. Dissipando essas névoas,

talvez possamos criar um novo ponto de inflexão, e o Departamento não ser mais dividido em três tempos históricos, mas agora em quatro.

O quarto marcado por profundas mudanças sociais na universidade, o começo da política de cotas, a necessidade de um enfoque na formação de professores para o Ensino Médio e a necessidade de entrar em compasso com o mundo.

### Referências bibliográficas

Pereira, O. P. (2016). **Meu Ceticismo**. *Discurso*, 46(2), 7-36.

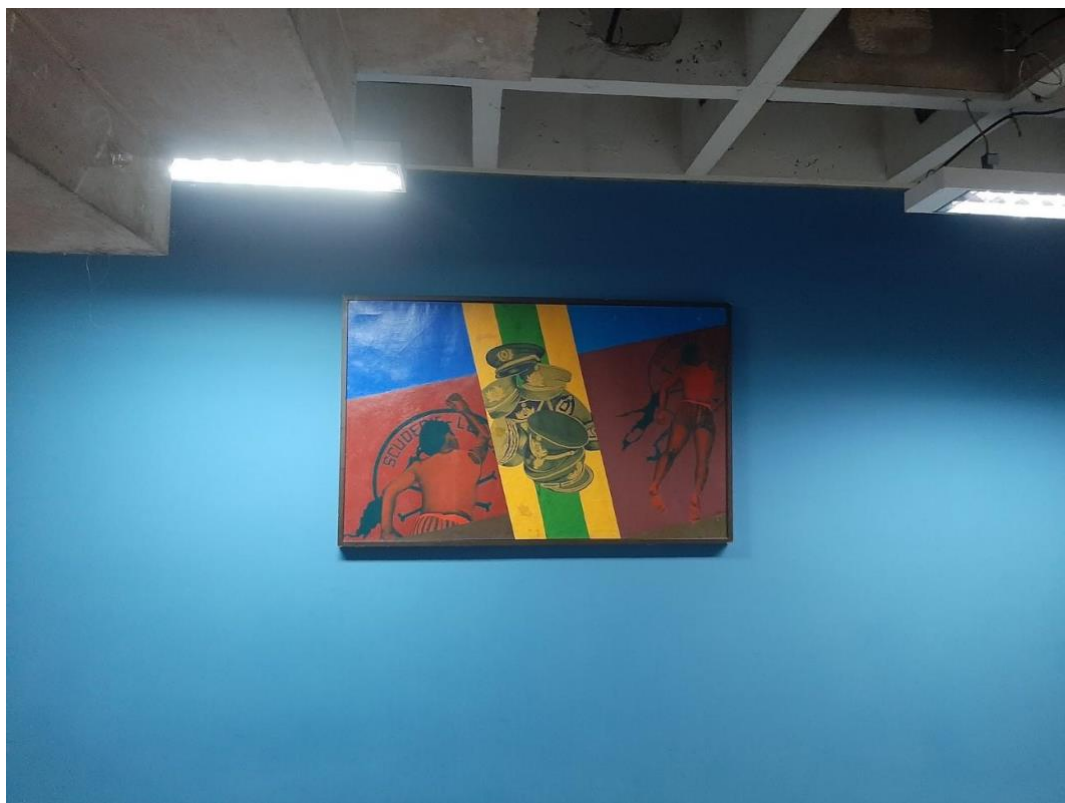
\*\*\*\*

### Texto I

*Rádio em missão REM*

As artes nos corredores do departamento de filosofia são meros bibelôs? - parte 1

Você sabe de quem é esse quadro, mal iluminado e escondido no corredor do departamento de Filosofia e Ciências Sociais da USP?



(Gontran Guanaes Netto: Escuderie Le coq, 1974. Óleo sobre tela)

Nesta obra, Gontran faz uma denúncia ao batalhão de forças especiais da Polícia Militar Paulista, chamado Scuderie Le Coq, também conhecido esquadrão da morte, liderado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury

Gontran nasceu no interior de São Paulo, em 1933, na cidade de Vera Cruz. Interrompeu a sua escolaridade no primário e, aos 18 anos, muda-se para São Paulo onde se torna ouvinte na Escola de Belas Artes.

À época, a movimentação política preparava o golpe militar. Gontran foi preso duas vezes a mando de Fleury. Gontran foi do PC e da ALN. Em 1969, deixou o professorado na FAAP e se exilou na França, onde viveu até a morte em 2017.

Em 1984, retorna ao Brasil. Em 1985, expõe no MAC. Em 1989, Gontran é convidado a fazer murais para estações de metrô. Painéis do artista podem ser encontrados na estação Marechal Deodoro e Corinthians-Itaquera.

Criou o grupo Guanaes, a Casa de Memória Coletiva e a Escola Livre de Ciências e Artes do ABC. Em 2010, retornou para a França, onde viveu até seu falecimento. Boa parte do acervo de Gontran está lá.

Aproveite as artes no departamento e em São Paulo. Não espere seu exílio para ver artes.

No próximo jornal tem mais.

## Texto II

Abraxas, 365 céus, 365 anjos

Basilides e o grande arconte

Do pai não nascido ao segundo céu

O Nous, o Logos, a Phronesis, a Sophia e a Dynamis

Aeons do Pleroma da luz de Eleleth

Antes do Demiurgo existiam

Junto aos planetas

Resta nas pedras, os talismãs



Do Le Petit Albert

Albertus Parvus Lucius

Relatos do grande Alberto

Grimório das magias naturais e cabalísticas

A mão da glória de Paracelso

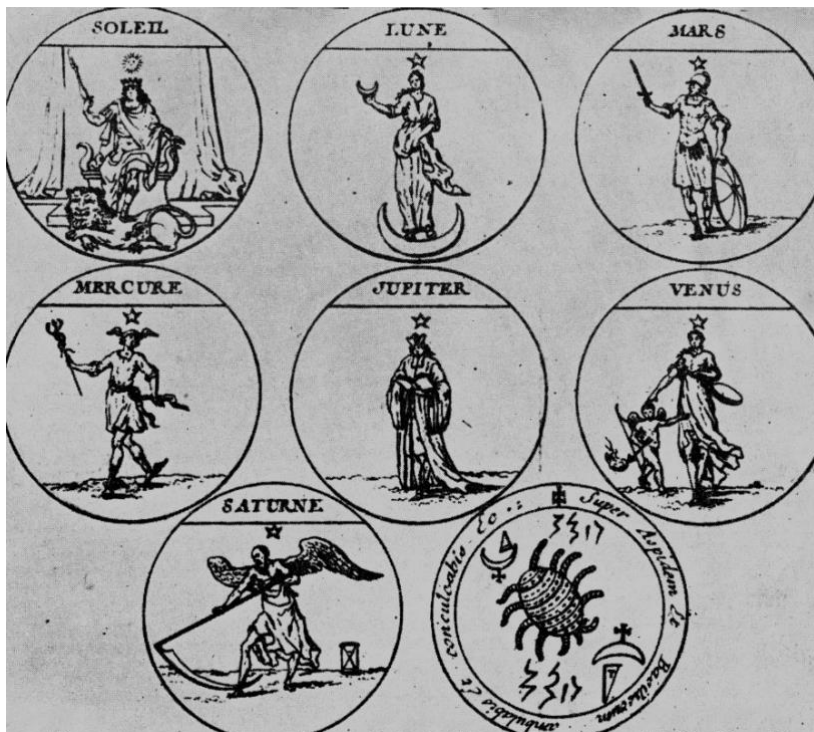
Impressionou Voltaire

O quadrado mágico compartilhado com os árabes

O Ouranos

Abraxás

Junto aos sete dias da semana



Abraxás

O selo do pentáculo mágico

Um cogumelo aspidus dos herméticos

Poderia ser o eterno, o cálice, a abracadabra ou o ar

Mas é a Terra, o Sal-mãe

"É um hermafrodita nascido do vento, uma fênix vivendo em fogo, um pelicano reavivando seus queridos filhos com seu próprio sangue; o jovem Ícaro afogado na ÁGUA, cuja nutriz é a TERRA, cuja mãe é o VENTO, cujo pai é o FOGO, a água sua aia e bebida, uma pedra e nenhuma pedra, uma água e nenhuma água, e no entanto, uma pedra de poder vivo e uma água de potencia viva; UM ENXOFRE, UM MERCÚRIO, UM SAL, OCULTO

PROFUNDAMENTE NA NATUREZA, E QUE JAMAIS FOI VISTO E NEM CONHECIDO POR UM TOLO."

a Papyri Graecae Magicae

Eu te invoco, poderoso anjo deste animal neste lugar; faça-se disponível para mim, e realize [o que é pedido] tanto neste mesmo dia quanto em cada hora e dia; faça-se disponível para mim contra meus inimigos e realize [o que é pedido], pois eu conjuro você pelo poder de IAŌ SABAŌTH ADŌNAI ABRASAX e pelo grande deus, IAEŌ (fórmula), AEĒIOYŌ ŌYOOIĒEA CHABRAX PHNESKĒR PHIKO PHNYRO PHŌCHŌ BŌCH; ABLANATHANALBA (PGM III, 70-80).

Senhor do nascer do sol, que surge ardentemente,

Titan, eu o convoco, mensageiro das chamas,

De Zeus, divino IAŌ, e também você,

Que reina nos domínios do céu, Ó RAPHAĒL,

Que se alegra ao nascer do sol, seja um deus gracioso,

Ó ABRASAX, e você, Ó maior de todos,

Ó ser celestial, eu invoco, [você, MICHAĒL], seu ajudante,

Que salva a vida de seu povo, o olho perfeito

De Zeus, e aquele que tanto exalta a natureza

Quanto a produz de si mesma

E eu invoco... dos imortais... [...] (PGM III, 210-218).

Ó senhor Apolo, venha com Paian Traga respostas para minhas questões. Ó mestre Deixe o Monte Parnassos e a Pita Déléfica Quando meus lábios sacerdotais disserem palavras secretas Primeiro anjo de [deus], grande Zeus, IAŌ E você, MICHAĒL, que governa o reino dos céus,

Eu invoco, e você, arcanjo GABRIĒL.

Descendo do Olympos, ABRASAX, maravilhoso

Nas manhãs, venha graciosamente aquele que vê

O pôr do sol direto da manhã / ADŌNAI. Pai do mundo,

Toda natureza treme de medo de ti, PAKERBĒTH [...]” (PGM I, 297-306).

O telesma e a grande perfeição

Abraxas Apistophitos

Arbatel

O selo de Salomão

Comandante dos Djinn e Shayatine

Os pantáculos

Ligação para os planos sutis

A chave dos gregos egípcios

Babilônia tudo honra

Jung e Hesse

Poderíamos chegar aos Orixás,

A Ewá

Yèwá, IAEÓ

\*\*\*\*

## O meu eu

*Gustavo Alves Reche*

Acordei como um susto. 8 horas da manhã e meu dia acabava de começar. Teria de preparar o café, tomar um banho, me arrumar e começar a trabalhar. Nada disso, porém, era urgente. Poderia fazer tudo em um dia futuro, inclusive as demandas do meu trabalho. Calmamente, decidi me reclinar na minha cama. Por que não começar mais tarde? Talvez até iniciar pelas tarefas que mais me agradavam, escutar uma música quem sabe. De modo súbito, a intenção de querer começar meu dia se esvaiu. Nada que poderia me dar ânimo, de fato, funcionava. Eu permanecia inerte. Seria o meu interior um local de disputas para encontrar um desejo genuíno de agir que nunca se efetivava? Seriam as disputas interiores uma mostra da minha vontade de simplesmente procurar, com uma venda em meus olhos, e nunca achar nada? Não o sei e tampouco reconheço se quero saber. Meu interior é tão pouco claro que não o reconheço como meu. Ele é um ideal, uma ilusão. Um local de fuga para onde vou quando não consigo agir. Eu mesmo o criei? Eu mesmo o opero? Me distancio tanto de mim que redesconheço o que sou.

Me levanto da cama e vejo um maço de cigarro na minha cabeceira. Não sei se a imagem dele surgiu primeiro ou se foi o meu desejo de fumar, só sei que meu ser nasceu com a concretude do meu querer com tal objeto. Como alguém que ama sem pensar, peguei um cigarro e o acendi.

Em tal lugar meu desejo existiu. Ele se criou, se realizou e me satisfez. Tenho certeza de que, amanhã, meu ser se manterá, na medida em que seguir com essa mesma vontade de desejar."

# Natureza

*Martín*

## **Natureza**

Meus pais dizem que sou filho ao aplicar correção  
Meu professor diz que sou aluno,  
E meu país me diz com orgulho que sou cidadão

Você me afirma que eu sou eu  
E eu te digo que você é você,  
Um eu me comunica quem sou eu.

Tiro uma conclusão desta regência autoritária,  
Sou a válvula de designações alheias,  
Subordinadas a interesses sem alma.

Ansioso pela ambiguidade de minha natureza  
Repetitivamente conto os dentes de minha boca.  
E ao fazê-lo, olho pela janela, e sinto cheiro de desespero.

E ele, que sabe tudo, me diz calma,  
Ainda ansioso, observo-lhe  
apontando-me o cano frio da arma.

Sabe-se que não é o que eu teria escolhido, pois  
Quem sabe qual é quem e quem é qual?  
Só há um dissidente, e este não se importa com protocolos e projetos.

Eu não. Mas, meu animal anima, segue.

Minha mente racional, esquece.

Só essa sabe das coisas elementares.

Esta besta se apetece pela refeição que já comeu,

Porém, nessas condições, não tornará a provar.

Entidade prodigiosa em sua simplicidade, aproveite a estadia na jaula.

**Performance Finalizada**

*Martín*



# É O VERDE?

Você, estudante de filosofia, sabia que, ano passado, foi aprovado um projeto de Ampliação do Prédio do Meio que vai transformar o Verde num **CORREDOR**? Sabia que nem os professores estavam sabendo, e que em momento nenhum em que esse projeto estava sendo discutido (2021, 2022...) os alunos foram amplamente consultados? E sabia que a licitação dessa Ampliação passou em **DEZEMBRO DO ANO PASSADO**, quando nenhum aluno estava na FFLCH?

Na calada, decidiram **TIRAR NOSSO ESPAÇO ESTUDANTIL**, sem nos consultar, sem mostrar as plantas pros estudantes. Vão tirar de nós o forró, os karaokês, os torneios de ping pong, a mesa de sinuca, as festas, os seus 15 minutos de descanso antes da aula, as conversas e relações que você construiu e constrói no Verde todos dos dias. **E VÃO TIRAR DOS ESTUDANTES UM ESPACO QUE OS ESTUDANTES CONQUISTARAM**, e não tiveram a decência e a coragem de consultar esses mesmos estudantes.

E o que você vai fazer sobre isso? Procure, cobre o seu centro acadêmico. Veja o que está sendo feito por eles. Veja o que pode mudar, com o que você pode ajudar. Espalhe a notícia, pressione a diretoria por respostas e transparência. O Verde só vai sobreviver com a ajuda de vocês.

A reforma deve começar no final desse ano ou no ano que vem.

## NÃO TEMOS MUITO TEMPO!